

DEBATE-PAPO

FERNANDO ASSIS PACHECO

Um recado

JOSÉ CARDOSO PIRES

«Havia o que não esperas: lágrimas como folhas secas explodindo ao de leve: e a morte»

Fernando Assis Pacheco

Regressou a magnífica *Espacio/Espaço Escrito*, «revista de literatura em duas línguas», com número duplo (15/16), em que o destaque vai todo para as 92 páginas dedicadas ao «nosso» Fernando Assis Pacheco (FAP). E mais do que isso: a revista dirigida por Angel Campos Pâmpano, editada em Badajoz, graças à Junta de Extremadura — bem haja! —, com a colaboração dos portugueses Institutos Camões e do Livro de Leitura, e da Gulbenkian, a revista inclui ainda, em separata, num envelope..., a reprodução fac-similada de três das plaquetas que, com edições de apenas 200 exemplares, FAP costumava oferecer aos seus amigos. No caso, *A Profissão Dominante* (1982), *Nausicaah!* (1984) e *a bela do bairro e outros poemas* (1986). Mas já lá voltamos.

«A arte portuguesa actual» é outro tema desta edição, com textos de Carlos Vidal e Alexandre Pomar. Além disso, a revista publica colaboração variada, que vai de poemas dos portugueses Mário Cláudio, Manuel Gusmão e José Tolentino Mendonça, dos espanhóis José Viñals, Clara Janés e José Antonio Zamwano, até um texto de José M.ª Folgas de la Calle sobre Inês de Castro vista por Leirão de Barros, passando por fragmentos do diário de Andrés Sanchez Robyna e por um artigo de Odete Jubilaro sobre *A História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago. Além de outros textos assinados por Alonso Guerrero, António Sâez Delgado, Angel Prieto de Paula e ensaios de Jordi Dove e Victor del Rio e Javier Rodriguez Marcos.

Voltando a Assis, o dossier da *Espacio/Espaço* (234 pág., 2 000\$00, distribuição em Portugal da Assirio & Alvim) abre com «Um retrato de FAP», por Susana Neves, a que se seguem três poemas, apresentados como inéditos (mas, de facto, dois deles publicados já no JL, nas nossas edições de 20/12/95 e 3/1/96, nos temas dedicados ao poeta, e o terceiro saído na VISÃO de 7/12/95), outro texto de Assis, uma interessante e longa «entrevista galega» conduzida por Miguel Viçeira, por ocasião da edição na Galiza de *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, publicada inicialmente na revista galega *Guial*. Segue-se ainda mais um texto de FAP, sobre Cardoso Pires, publicado também no JL (como é referido), e poemas, textos ou depoimentos de Manuel Alegre, Nuno Júdice, Vergílio Alberto Vieira, Francisco Soares, João Duarte Rodrigues, Jesús Munárviz, Angel C. Pâmpano, António Cabrita, António Celestino (com um comovido testemunho), Kees van Gemmlen, Emilio Torné e José Maria Moreiro..

Mas ponto alto desta edição, e decerto o mais tocante, lido a duas semanas da morte do autor, é um texto inédito do próprio José Cardoso Pires (JCP) sobre o Assis, intitulado *Um recado entre muitos*. Que aqui reproduzimos, com título *diminuído* e com a devida vénia, recordando e homenageando os dois, que foram ambos da «casa» — e FAP o primeiro chefe de redacção do do JL, em cujo n.º 1 entrevistou JCP, entrevista que em boa parte se transcreveu na nossa última edição.

R

emexo papéis. Num, data-do de Maio de 87, tenho a ilustrá-lo um retrato de Assis Pacheco desenhado por João Abel Manta: eis o escriba de pena de pato apontada no seu «Trabalho de Cão», como eu lhe chamo nesse artigo. Ai lavro protesto pela dolorosa tarefa que lhe cabia no semanário *O Jornal* de redigir um *Bookcionário* que era uma espécie de contemporânea malasletras lusitanas.

O que ali deixei é uma descrição a dois rostos do escritor e do jornalista Assis Pacheco sentado à janela do *vient de paraitre* com a sua gargalhada cheia de sabor e de imaginação.

Agora descobri uma carta do ano de 78 enviada de Pardilhó. Nessas linhas é quem fala, não eu. E conta-me coisas saborosíssimas nessas linhas com aquela escrita tão arguta e tão travessa que tanto lhe admiro. Sim, a escrita. Es-

Coimbra: «O soneto aos filhos deixou-me a alma suspendida. Salve-me Deus de ser poeta, já que pelo Diabo me salvei.»

E prossigo o inventário. Adiante, *A Cavalho no Diabo*, atravesso uma dessas minhas crónicas e vou encontrar Assis Pacheco com asas de anjo a levantar faíscas de encantamento na pedra de afiar navalhas do Benedito Prada, esse tragamundos galego que tanto me deu que pensar.

A seguir outras notas, outras memórias, até àquele, desabafo que redigi pouco depois de o termos perdido e que abri perguntando-me «Se havia Outono.»

E Havia Outono?

«...Soube então», escrevi eu, «que morreste a folhear livros na Galeria Buchholz sempre à procura de vozes, e eu, deserto naquela janela que tu sabes frente ao mar da Caparica, nunca vi Outono mais desgraçado em toda a minha vida.

Foi de manhã, 7 de Dezembro. Sublinho-te a data porque tu no Outono astronómico, que é o mais impetuoso porque entra por Dezembro em fúria, vias amantes a meio da loucura a voarem como facas para o teu peito (pelo menos escreveste mais ou menos / isso na *Musa Irregular*) e era nessa época que lias melhor certos poetas, assim como certos amores só os podias ter na idade das vindimas.

Até isto, esta Caparica, tu achavas então dourada, num areal encardido e desprezado.

E agora, Assis, vê tu o que são as coisas. Vê tu como o teu Outono, com voz pesada de ancião maldito, te despacha de repente do nosso mundo natural como se assim não pudesse deixar de ser. E despachou, porra.

Por isso é que eu, de telefone esquecido numa janela frente ao mar, ainda me sinto mais impreciso e não consigo reverte se não em sol aberto e com um riso de felicidade, fulgurante de sabores, quase carnal. Recordo-me duma caldeirada de tordos que comemos aqui num Maio de mimosas floridas e que te serviu de pretexto para o artigo com que abriste o primeiro número do *Jornal de Letras e Artes*; da saudação solene que dali enviámos ao José Carlos de Vasconcelos, ausente, como de costume, em Frijamundos de mundos vários mas sempre exacto nos instantes de

FERNANDO ASSIS PACHECO (À ESQ.ª), COM JOSÉ CARDOSO PIRES, NA REDACÇÃO DO JL



perei toda a vida dele que, por excepção, alguém da merda dourada dos lobbies deste país tivesse um instante de sensibilidade para analisar com um mínimo de gosto e de inteligência a pessoalíssima construção literária de Fernando Assis Pacheco. Em vão.

Lá chegaremos um dia, é mais que certo. Mas nessa altura os eruditos daquele tempo já estarão em metamorfose de vermes a bordulhar na própria merda.

Mais papéis, mais sinais. No seu exemplar de *A Musa Irregular*, esta nota de leitura redigida em 11.4.91 no comboio Alfa a caminho de

cisivos; e claro que também não esqueço os whiskies com que várias vezes sublinhámos nossos entardeceres.

Isso, sim, foste tu; foi Caparica. Mas hoje não hoje anda uma vaga bruma a rolar no areal uma invasão desolada. Mesmo assim, se eu não fosse o desencantado que sou talvez pudesse imaginar-te a sair dessa brancura cega com a tua barba de espinhos e o teu olhar a luzir de traquinice. E diria: Sobe, Assis. Senta-te aqui, que a Primavera não vai demorar.

E NÃO DEMORARIA, juro-te. Contigo ao pé de mim, viria urgente porque trabalhámos jun-

DEBATE-PAPO

tos várias estações de vários anos, andámos por livros e amigos comuns, jornais, liturgias de bar, Espanhas, Copenhagas, Brasis, até que de repente, estavas tu na Livraria Buchholz a vaguear por páginas dum mundo longe do teu, foste-nos roubado à traição sem um abraço de adeus. Ao menos levastes: «copos, e esses amigos desfeitos na barra» (como naqueles teus versos em que te apresentas, precisamente como *Escritor à Barra* no Chiado). Mas os outros, os amigos que ficaram e que são tantos? E o resto, os versos, meu sacana, que tu andas-te a rarear toda a vida até que um dia abriste o capote e os sacudiste para o mundo como uma

poalha de maravilhas luminosas? E o Benedito Prada? E imaginação de tanta escrita deitada aos jornais?

Sabes, a viagem sem regresso morre nas recordações como dizia o meu avô, mas quem, como tu, deixou por escrito o muito bom de si para orgulho de todos nós não pára de viajar. E quem, como tu, tu, amou a vida não morre facilmente (mesmo na guerra morreste dez vezes para nasceres outras dez, não te esqueças) e talvez por isso te dissessem um homem feliz, como diziam. E, caramba, se o foste. Um homem e um escritor de mão feliz. Não imaginas, rapaz, a maravilhosa Rosarinho, rodeada

por las Meninas e pelo João Pacheco tão corajosos como ela. Nem aquela reunião na tasca do Bairro Alto organizada pelos putos da *Visão*: como eles sabiam de ti e como, na imaginação e na recusa ao fácil, me fizeram pensar uma ou outra vez que eram como se fosses tu a despedir-te de ti próprio.

Sim, um homem feliz. Aqui para nós palpita-me que não vou tardar muito a ir ter contigo, é cá uma fê, e até já sei que te vou encontrar «solitário, diante duma folha branca» como o Maiakovski. Mas, sabes?, enquanto por cá ando fazes-me falta. Bastante, Assis. Mesmo bastante, acredita.